

A TRADUÇÃO EM LUIZA NETO JORGE OU A TRANSFIGURAÇÃO DA PALAVRA

Maria João Cameira
ISCAP
Portugal
mjcameira@gmail.com

Resumo

Salienta-se a importância da tradução na obra de Luiza Neto Jorge entre os anos 60 e 90 do século XX. As suas traduções de poesia, romance, cinema e teatro são consideradas notáveis. Traduz numerosas obras de autores clássicos e românticos e, sobretudo, de surrealistas franceses como Breton, Aragon, Eluard ou Artaud. Da sua arte de esculpir a palavra resulta uma verdadeira transfiguração poética dos textos traduzidos.

Abstract

It emphasizes the importance of translation in the work of Luiza Neto Jorge between the years 60 and 90 of the twentieth century. Her translations of romance, cinema and theater are considered remarkable. She translates numerous works of classical, romantic authors and, especially, french surrealists like Breton, Aragon, Eluard or Artaud. Her art of carving the word results in a true poetic transfiguration of the translated texts.

Palavras-chave: Luiza Neto Jorge, poesia, cinema, teatro, surrealismo, tradução, transfiguração

Keywords: Luiza Neto Jorge, poetry, cinema, theater, surrealism, translation, transfiguration

Luiza Neto Jorge tem sido estudada principalmente pela sua obra poética, mas o seu trabalho de tradução não é menos importante do que a sua poesia. Tradutora profissional, nas palavras do crítico António Guerreiro, ela traduz toda uma plêiade de autores, onde se contam «nomes fortes» como «Sade, Roussel, Céline, Michaux, Artaud, etc, que constituem uma honorável família (...) [onde seria] aliciante e pertinente, procurar a sua própria genealogia, próxima ou remota, como escritora» (Guerreiro 1989: 46). Observamos que a tradução e a poesia jorgianas andam de mãos dadas, visto que a importância da tradução nos domínios da poesia, teatro, cinema, romance e conto ajuda-nos a compreender melhor a sua poesia quer pelos autores escolhidos quer pela qualidade e quantidade das suas mais de cinquenta traduções de grandes nomes da literatura europeia, entre os quais se contam alguns autores clássicos, românticos e, sobretudo, surrealistas franceses de referência.

A estudiosa e ensaísta de Luiza Neto Jorge, Marinela Freitas, qualifica de «eclectica e incessante» a realização artística da autora referindo-se à sua poesia (Freitas, 2010: 105) apesar de a própria confessar que a sua obra é publicada entre interrupções e longos silêncios como uma escrita «aos sacões, por fases» sem «qualquer ritmo de trabalho a não ser este mesmo: o da descontinuidade» (Jorge / Horta, 1968: 4). Ao longo de três décadas, escreve apenas cerca de duas centenas de poemas, alguns textos em prosa «e muitas outras coisas de que não sab[ia] o nome» (Jorge/ Roque, 1982: 00:06:38), como afirma num documentário intitulado «Quem é quem – Luiza Neto Jorge?» realizado por João Roque para a rubrica *Artes e Letras* produzido pela RTP, em 1982.

Fernando Cabral Martins, num testemunho publicado na revista *Relâmpago* em homenagem à autora, refere as conversas tidas com esta sobre tradução e fala dos livros de simbolistas franceses e surrealistas que ela lhe emprestava da sua biblioteca pessoal e que não encontraria em mais nenhum lugar, bem como o apreço dela por Breton ou Lautréamont (Martins, 2006: 122). Nas palavras de António Guerreiro, «traduziu muito e bem» (Guerreiro, 1989: 46) e na opinião de Gastão Cruz, as suas traduções ter-lhe-ão granjeado um «enorme prestígio, pela reconhecida qualidade excepcional do seu trabalho» (Cruz, 2006: 149). José Augusto Seabra, em 1996, no prefácio introdutório à tradução francesa de *A Lume*, última obra da autora, salienta que «[r]arement on a vu une osmose si parfaite entre poète et traducteur, comme si chaque version d'un poème devenait un autre poème, réécrit dans une 'transposition créatrice'» (Seabra, 1996: 11).

Após lecionar no liceu de Faro, no ano letivo de 1961-1962, e depois de se divorciar de António Barahona, passa a viver em Paris, onde executa trabalhos muito diferentes. Sem emprego estável, dá aulas de português, cuida de crianças e trabalha numa livraria como mulher-a-dias (Freitas, 2010: 197). Nestas circunstâncias, na capital francesa, traduzir é, além de um ganha-pão, um refúgio que a autora encontra. Regressa definitivamente de Paris, em 1970, para passar a dedicar-se regularmente a esta tarefa para casas editoras ou para companhias teatrais com as quais colabora. A autora escreve diálogos de filmes portugueses e traduz textos para cinema ou adaptações para teatro (Cruz, 2006: 149). Está ligada ao teatro independente e adapta e traduz textos para, entre outros, o Teatro da Cornucópia ou o extinto Grupo Teatro Hoje. Também colaborou com o Novo Cinema Português, para o qual escreveu diálogos para filmes dos cineastas Paulo Rocha e Alberto Seixas.

No documentário anteriormente mencionado, a autora refere-se à tradução como uma das causas do seu isolamento por ser absorvente e exigente:

Eu nunca frequentei muito a sociedade literária, sempre andei arredia de estreias, de inaugurações, de colóquios, de jantares, de entrevistas. O meu trabalho diário de tradução, prendendo-me muito em casa, ainda me veio pôr mais, como direi, mais à margem. (Jorge / Roque, 1982: 00:05:00)

Este isolamento terá contribuído para preservar a sua independência artística e permitir a dedicação necessária à tradução que considera ser «um trabalho de amor, mas (...) muito raramente (...) um trabalho de prazer» (*idem*: 00:22:10). Esta tarefa fê-la, como observa Nuno Júdice, «cinzelando a forma até encontrar um final de expressão perfeita» (Júdice, 1998: 218), parecendo mesmo haver algo que refere como «magia alquímica em que (...) encontramos a referência surrealista, no que ela traz de uma herança de Rimbaud, a colocar-nos perante o segredo da transformação da carne *lôbrega ou viva* no instante *e sol puro* do poema» (Júdice, 1998: 218; destacados do autor).

Verte sobretudo do francês para o português e cedo é reconhecida pela sua mestria, fluência e fidelidade ao estilo dos autores, o que leva o crítico Robert Bréchon a escrever, a propósito da sua tradução de *O Infinito Turbulento* (1977) de Henri Michaux¹:

O grande mérito de Luiza Neto Jorge é o de ter reproduzido fielmente o conteúdo epistemológico do livro sem atraiçoar a sua vibração poética. E conseguiu-o por modéstia – essa forma de modéstia que permite ao tradutor uma completa renúncia de si mesmo para se transfundir em outro. Apesar da diferença de idiomas, é sempre Michaux quem fala pela pena de Luiza Neto Jorge. (Bréchon apud Freitas, 2010: 108)

Em 1987, isto é, dez anos mais tarde, ganha o Grande Prémio de Tradução Literária da Associação Portuguesa de Tradutores [APT], em associação com o P.E.N. (Poetas, Ensaístas e Novelistas) Clube Português, pela tradução de *Morte a Crédito* de Louis-Ferdinand Céline, uma «magnífica versão» que, no dizer de José Ricardo Nunes, «sobressai» em toda a sua obra de tradutora (Nunes, 2000: 14). Mesmo durante o longo período em que não publica poesia, a sua «faceta de poeta» nunca é «obliterada», pois é a ela que a crítica recorre para explicar a sua competência como tradutora. O comentário do crítico Manuel Simões à sua tradução do senegalês Leopold Sédar Senghor («um ‘código’ [sic] que só um tradutor poeta pode controlar») ou a recensão, publicada em *O Jornal*, à sua tradução de *L’Amour Fou*, de André Breton («Um Breton vertido para português com o ‘métier’ da poetisa Luiza Neto Jorge, hoje por hoje um dos nossos mais competentes tradutores») provam a qualidade do seu trabalho como tradutora (Freitas, 2010: 109).² No entanto, e embora viva quase exclusivamente das traduções que vai fazendo, Luiza Neto Jorge considera o seu trabalho

¹ Luiza Neto Jorge também retrovertia de português para francês. Na *Anthologie de la Poésie Portugaise: du XII^e au XX^e siècle* organizada por Isabel Meyrelles e publicada pela Gallimard, em 1971, Neto Jorge, que também é antologada como poeta, figura entre os 21 tradutores desta Antologia dos quais nove são portugueses (Freitas, 2010: 108).

² O primeiro comentário é do crítico Manuel G. Simões à sua tradução da poesia marcadamente simbolista do senegalês Léopold Sédar Senghor publicada em 1979, na revista *Colóquio-Letras* 49, em maio, p. 86, e o segundo consta de uma recensão à tradução de *O Amor Louco* de André Breton publicada, no mesmo ano, em *O Jornal*, p. n. / *idem* (Freitas, 2010: 109, 524).

de tradução economicamente pouco compensador e também pouco satisfatório, por não poder escolher os autores a traduzir como confessa, em 1982:

Com 40, 50 livros publicados de tradução e outros tantos não publicados, ainda não me posso dar ao luxo, ainda não me posso dar ao prazer de escolher, de ser eu a escolher o meu autor, o meu poeta. Isso também é pouco compensador. (Jorge / Roque, 1982: 00:22:10)

Em 1973, quando questionada sobre que poetas gostaria de traduzir, a autora refere os nomes de Antonin Artaud, Raymond Roussel e Francis Ponge, numa entrevista concedida a António Fragoso (Jorge / Fragoso, 1973: 20). Estes escritores estão relacionados com o Surrealismo francês. Entre 1960 e 1989, traduz inúmeras obras de poesia, romance, drama, ensaio e banda desenhada, em função das necessidades ou opções de catálogo das casas editoriais com quem trabalha.³ Apesar das circunstâncias referidas pela autora, o pendor surrealista é visível nalguns dos títulos traduzidos: *O Amor Louco*, do fundador do Surrealismo francês publicado em 1971; a sua colaboração na tradução coletiva da *Antologia do Humor Negro*, do mesmo autor, em 1973; e também a sua tradução dos textos da revista *A Revolução Surrealista* nomeadamente, *Do Amor Admirável e da Vida Sórdida: Três Textos* traduzidos com Manuel João Gomes e publicados em 1980. Para além de Breton, traduz outros autores surrealistas ou obras relacionadas direta ou indireta com este movimento estético.

³ Algumas das obras traduzidas ainda são inéditas ou estão inacabadas como foi o caso de *Andrômaca* de Racine traduzido por Luiza Neto Jorge, em 1973, e recentemente publicada no n.º 18 da revista *Relâmpago*, numa edição dedicada à autora. A respeito desta peça de teatro, Jorge Silva Melo comenta a demora da entrega das traduções de Neto Jorge: «a vida prática com os seus prazos estava mesmo muito longe, o tempo não corria perante o seu sorriso irónico, terno, muitas vezes sarcástico (...) pedimos que nos traduzisse a *Andrômaca*, de Racine, para a colecção de (...) Há-de ter sido o primeiro pedido que lhe fiz, nas idas e vindas em que eu andava (...) Era demorada, a Luiza, vivia atrasada com a entrega das traduções, dos compromissos, logo ao nosso pedido da tradução da *Andrômaca*, demorou tanto com o primeiro acto, que entretanto já a colecção acabara, durara pouco mais de um ano, não vendia» (Melo, 2006: 136-138). Luiza Neto Jorge trabalha para diversas casas editoriais: Afrodite, Antígona, Arcádia, Assírio & Alvim, Bertrand, Caminho, Contexto, Difel, Dom Quixote, Editorial Inova (mais tarde O Oiro do Dia), Estampa, & etc, Fenda, Iniciativas Editoriais, Moraes, Presença, Rolim, Tértúlia do Livro, Ulisseia e Ulmeiro (Freitas, 2010: 109-110).

Sozinha ou em colaboração com João Manuel Gomes ou António Ramos Rosa, a poeta traduz sobretudo autores da literatura francesa que, na época, influenciam o ambiente cultural e literário nacional. Pela sua mão, passam obras dos clássicos, românticos franceses e alemães como Jean Racine, Victor Hugo e Novalis; autores que prenunciam o movimento surrealista – Guillaume Apollinaire e Raymond Roussel; aqueles que dele fazem parte – Max Jacob, Paul Eluard e Louis Aragon e os que dele mais tarde se separam como Georges Bataille. A autora traduz ensaios, romances e peças de nomes decisivos na renovação teatral como a maior figura do teatro da crueldade, Antonin Artaud, os patafísicos Alfred Jarry e Eugène Ionesco e muitos outros autores de expressão francesa (ou publicados em francês), desde Paul Verlaine e Henri Michaux; os romancistas Marquês de Sade, Stendhal, Boris Vian ou Marguerite Yourcenar, passando pelas crónicas de Albert Camus e os contos eróticos de Anaïs Nin (Freitas, 2010: 110).⁴

Das décadas de 40 e 50 ao final dos anos 70, o universo cultural francês é a referência cultural e literária nacional pela proximidade geográfica ou por questões de política internacional e, mesmo à margem de acordos oficiais, torna-se normal, habitual e de “bom tom” que obras francesas povoem o imaginário português. Um outro sintoma da influência cultural francesa é o de autores escreverem poemas em língua francesa, embora os publiquem apenas em Portugal, como a própria Luiza Neto Jorge (*idem*: 110). Reparemos

⁴ Relativamente aos autores indicados e seguindo uma ordem cronológica das obras traduzidas, teremos os seguintes autores e respetivas obras: Eugène Ionesco, do qual traduziu *O Mestre*, *A Menina Casadoira*, *O Novo Inquilino*, *O Assassino* publicados em 1963 e *O Solitário*, em 1973; Boris Vian, *O Outono em Pequim* publicado em 1965 e *O Arranca Corações*, em 1970; Raymond Queneau, *As Obras Completas de Sally Mara e Sempre se é Bom Demais com as Mulheres: Um Romance “irlandês” de Sally* editados respectivamente em 1968 e 2003; Paul Éluard, *Algumas das Palavras: Antologia*, em colaboração com António Ramos Rosa publicado em 1969; Stendhal, *Vida de Henry Brulard*; Donatien Alphonse François de Sade, *História Secreta de Isabel da Baviera, Rainha de França*; Gérard de Nerval, *As Filhas do Fogo*, em 1972; o texto «O Pensamento», o poema «A verdade» e prólogo ao mesmo, para além de *A Verdade e Outros Textos*, este último em colaboração com Manuel João Gomes, todos publicados em 1988; Guillaume Apollinaire, *A Mulher Sentada*, em 1974; Max Jacob, *O Copo dos Dados*, em 1974; Alfred Jarry, *O Super Macho*; Antonin Artaud, *Para Acabar de Vez com o Juízo de Deus* seguido de *O Teatro da Crueldade*, igualmente com Manuel João Gomes, em 1975; Henri Michaux, *O Infinito Turbulento*, em 1977; Anaïs Nin, *Delta de Vénus, Passarinhos: Erótica* em 1979 e 1981; Paul Verlaine, *Poemas Malditos, Hombres, Hombres e Algumas Mulheres*, respectivamente em 1981, 1983 e 2021; Novalis, *Heinrich d'Oferdingen*, em 1981; Marguerite Yourcenar, *Como a Água que Corre e A Obra ao Negro*, em 1982 e 1984; Georges Bataille, *O Abade C*, em 1982; Johann Wolfgang von Goethe, *Fausto* traduzido a partir da versão francesa de Gérard de Nerval, em 1984; Victor Hugo, *Coisas da Noite*, em 1985 e *O Funeral do Imperador*, em 1980; Louis Aragon, *Discurso para os Dias Grandes de um Jovem Chamado Pablo Picasso*, em 1987; Rafael Alberti e Pablo Neruda, *Outros Poemas*, tradução com José Bento, em 1987; Raymond Roussel, *Novas Impressões de África* com introdução de Manuel João Gomes, em 1988, e Albert Camus, *Actualidades*, em colaboração com Manuel João Gomes editado em 2001.

no diálogo que a poeta estabelece com Antonin Artaud, em *O Ciclópico Acto* (1972), ou nas alusões implícitas ao quotidiano parisiense dos anos 60, no poema *Dezanove Recantos*, no verso «e sair como todos em Sèvres-Babilónia» (p. 177). A sua obra também inclui outras referências culturais, evidenciando a sua formação universitária na área de Românicas, como é visível no diálogo com Johann Wolfgang Goethe, em *11 Poemas (Silves 83)* (1986).

A escrita e a tradução são uma preocupação constante de grande parte da obra jorgiana e representam um trabalho intensivo e criador da linguagem que assim se revela matéria poética da escrita. Num trabalho de tradução haverá sempre um «movimento de intersecção» entre duas línguas ou o que Marinela Freitas denomina «metempsicose do sentido», na deslocação de uma para a outra língua (Freitas, 2010: 111).

Para explicar esta ideia, vejamos a metáfora da máquina de escrever do poema «Traduction» de Luiza Neto Jorge publicado em francês, em 1983:

Je tape les mots à la machine
 métaphorique je traduis le mot
 d'autre façon, celui que j'ai appris
 je l'oublie
 seul son poids me pèse scintillant

je métempsicose la parole
 ma part d'or dans les mots
 vains
 (Jorge, 1993: 299)

A autora recorre à metáfora da máquina de escrever para sublinhar que a sua tradução não é literal. Somente o peso da palavra lhe interessa, na passagem dos textos dos autores traduzidos para as suas próprias palavras, que criam cintilação e fulgor significativos, correspondentes à parte de ouro da sua criação poética. Este processo significa que, na tradução, a autora não traduz apenas mas recria uma nova escrita que reverberará na sua poesia. Ela «sempre se pautará pela recuperação das possibilidades de irradiação semântica da palavra gasta e corrompida pelo hábito linguístico, transmutando-se ou reconstruindo-se

o seu sentido num corpo autónomo e estético através da ‘máquina metafórica’ da poesia» (Freitas, *ibidem*).

É, deste modo, que Luiza Neto Jorge, poeta e tradutora, realiza uma verdadeira transfiguração poética da palavra de que resulta uma «(...)outra língua»: «(...) quando à boca de um poço vamos / provar o nosso eco, / águas puras irrompem, / noutra língua» (Jorge, 1993: 259).

Referências bibliográficas

CAMEIRA, Maria J., (2014). *A Transfiguração do Feminino na Poesia de Luiza Neto Jorge*. Dissertação de Doutoramento. Porto: Universidade do Porto.

CRUZ, Gastão (2006). «Biobibliografia» de Luiza Neto Jorge, *Relâmpago*, n.º 18, abril. Lisboa: Fundação Luís Miguel Nava.

FRAGOSO, Alfredo; JORGE, Luiza N. (1973). «Luiza Neto Jorge: uma certa maneira de estar» [entrevista concedida a Alfredo Fragoso], *Diário de Lisboa*. Lisboa: Renascença Gráfica, 16 de dezembro, 1973.

FREITAS, Marinela C. (2010). *Emily Dickinson e Luiza Neto Jorge: Duas Faces da Modernidade*. Dissertação de Doutoramento. Porto: Universidade do Porto.

GUERREIRO, António (1989). «A Insurreição da Poesia», *Expresso-Revista*, Lisboa: Sojornal S.A., 4 de março, 1989.

HORTA, Maria T; JORGE, Luiza N., (1968). «Dez Minutos com... Luiza Neto Jorge» [entrevista concedida a Teresa Horta], *A Capital/Literatura & Arte*. Manuel Guimarães, Lisboa: 19 de junho: 1968.

JORGE, Luiza Neto. (2001). *Poesia*, Lisboa: Assírio & Alvim.

JÚDICE, Nuno (1998). *As Máscaras do Poema*. Lisboa: Aríon Publicações.

MARTINS, Fernando Cabral (2006). «Luiza e a Rua do Mundo», *Relâmpago* n.º18, abril. Lisboa: Fundação Luís Miguel Nava, 2006.

NUNES, José Ricardo (2000). *Um Corpo Escrevente*. Lisboa: & etc.

ROQUE, João; JORGE, Luiza N. (1982) «Quem é Quem: Luiza Neto Jorge», *Artes & Letras*, realização João Roque [34 minutos], 15 de setembro. Lisboa: Co-Produção Arca-Filme e RTP.

SEABRA, José Augusto (1996). «Préface» in *Par le Feu* de Luiza Neto Jorge, Édition Bilingue Français-Portugais avec Quatre Graphites sur Papier de Jorge Martins, tradução de Christian Mérier et Nicole Siganos. Nantes: Éditions Le Passeur-Cecofop.